

Trajéórias escolares sob a perspectiva de gênero: uma análise longitudinal dos  
estudantes dos anos finais do ensino fundamental público da RIDE/DF

Aline Perfeito de Sousa<sup>1</sup>

Ana Maria Nogales Vasconcelos<sup>2</sup>

Palavras-Chave: Fluxo escolar – Evasão – Repetência - Promoção – Trajetória escolar.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento, Sociedade e Cooperação Internacional  
– CEAM/UnB

<sup>2</sup> Universidade de Brasília.

## **Resumo**

A análise dos dados do Censo Escolar, considerando a trajetória de estudantes que encontravam-se cursando a 5ª série/6º ano do ensino fundamental no 2008 levantou as diferenças encontradas nos percursos escolares de homens e mulheres em escolas públicas do RIDE/DF até 2012, ano em que um fluxo regular, os estudantes teriam teoricamente alcançado o ensino médio. Observou-se que as mulheres apresentam um fluxo regular com mais frequência do que os homens, que por sua vez, são os que mais evadem do sistema educacional e também os que mais buscam a continuidade de ensino da educação de jovens e adultos como alternativa ao ensino regular. As diferenças entre homens e mulheres também foram refletidas nas escolas do DF e dos municípios do entorno, sendo que nesses últimos a evasão escolar dos homens é mais que no DF, o que indica a necessidade da análise de gênero considerar outros fatores que estão associados ao percurso escolar, tais como o nível socioeconômico.

## **Introdução**

As estatísticas educacionais brasileiras têm apontado a contínua expansão do sistema educacional brasileiro e as desigualdades existentes entre homens e mulheres no que diz respeito ao sucesso escolar. Apesar das diferenças da constatação das diferenças numéricas, ainda são poucos as pesquisas que tratam as questões de gênero no espaço educacional.

As autoras Fúlvia Rosemberg e Marília Carvalho estão entre as pesquisadoras que abordam os processos educacionais a partir da perspectiva de gênero no país, com diversas publicações sobre o tema. Porém, análises longitudinais das trajetórias educacionais dos estudantes ainda não consideram com maior profundidade a relação entre o sexo e o sucesso escolar.

Tendo em vista a escassez de estudos que avaliam o percurso dos alunos e alunas na escola e buscam entender os eventos ocorridos em um período mais longo da trajetória escolar, a proposta desse artigo é apresentar os resultados obtidos com a análise longitudinal de uma coorte de estudantes que iniciaram em 2008 os anos finais do ensino fundamental em escolas públicas do Distrito Federal.

Nessa análise buscar-se-á identificar se há, de fato, desigualdades nas trajetórias escolares de homens e mulheres e quais são os eventos de fluxo escolar mais frequentes de acordo com o sexo dos estudantes, tentando iniciar diálogo com alguns estudos já existente das autoras acima mencionados.

Pelo fato do trabalho focar-se mais nos eventos ocorridos no fluxo escolar dos homens e mulheres, não haverá aprofundamento da discussão de gênero e seus conceitos, porém, considera-se aqui gênero como um conceito que ultrapassa a definição do sexo biológico, adotando-o segundo a teoria de Joan Scott que o define não como “um conceito que descreva as relações entre homens e mulheres, mas uma categoria teórica referida a um conjunto de significados e símbolos construídos sobre a base da percepção da diferença sexual, significados estes que são utilizados na compreensão de todo o universo observado, incluindo as relações sociais e, mais particularmente, as relações entre homens e mulheres” (Apud CARVALHO, 2011, p.99).

## Material e Métodos

Para analisar as diferenças existentes na trajetória escolar de meninos e meninas no ensino fundamental serão utilizadas as informações constantes no Censo Escolar. O Censo Escolar é uma pesquisa declaratória realizada pelo Inep anualmente que, desde 2007, coleta informações individualizadas de alunos e profissionais escolares em sala de aula, além de informações das escolas e turmas.

Como recorte, foi analisado o percurso dos alunos e das alunas dos anos finais do ensino fundamental de escolas municipais e estaduais do Distrito Federal e dos municípios que compõem a Região Integrada de Desenvolvimento do Distrito Federal e Entorno – RIDE/DF3, sendo eles: Abadiânia, Água Fria de Goiás, Aguas Lindas de Goiás, Alexânia, Cabeceiras, Cidade Ocidental, Cocalzinho de Goiás, Corumbá de Goiás, Cristalina, Formosa, Luziânia, Mimoso de Goiás, Novo Gama, Padre Bernardo, Pirenópolis, Planaltina, Santo Antônio do Descoberto, Valparaíso de Goiás, Vila Boa, Buritis, Cabeceira Grande e Unai.

Na população analisada, foram retirados os dados dos estudantes das escolas militares que, apesar de ser consideradas como estaduais, não são vinculadas as secretarias estaduais de educação e sim as corporações militares, o que as aproximam mais da rede privada de ensino.

A análise considerou a coorte de estudantes que em 2008 estavam matriculados no 6º ano (5ª série) do ensino fundamental regular, porém foram desconsiderados da análise os alunos com deficiência, transtorno global do desenvolvimento ou altas habilidades tendo em vista que não seria possível nessa análise aprofundar-se nas questões da inclusão escolar.

A análise se estendeu até os dados de 2012, tendo em vista que o foco seria a chegada dos estudantes no ensino médio, que em trajetória regular se daria até aquele ano.

---

<sup>3</sup> A RIDE/DF foi instituída pela Lei Complementar nº 94, de 19 de fevereiro de 1998 e é integrada pelo Distrito Federal, 19 municípios goianos e dois municípios mineiros. O IBGE considera além desses municípios, o município de Cabeceira Grande do estado de Minas Gerais, definindo a RIDE/DF assim composta pelo Distrito Federal, 19 municípios de Goiás e três municípios de Minas Gerais.

## Resultados e Discussão

### Do contexto inicial

Em 2008 foram declarados ao Censo Escolar 71.867 mil estudantes no 6º ano/5ª série do ensino fundamental regular. Nesse universo, eram as escolas de dependência administrativa estadual que atendiam a maior parte dos estudantes, abrigando mais de 62 mil alunos, ou seja, 86% do alunado do 6º ano do ensino fundamental (Gráfico 1). Em âmbito nacional a proporção de alunos entre as esferas municipais e estaduais apresenta uma diferença menor, onde, em 2008, 57% dos estudantes das séries finais do ensino fundamental encontravam-se em escolas estaduais e 43% em escolas municipais. Nesse contexto, a RIDE/DF se diferencia bastante devido a inexistência de escolas municipais no Distrito Federal.

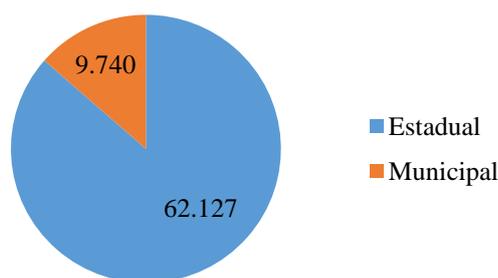


Gráfico 1. Número de matrículas da 5ª série/6º ano do ensino fundamental regular por dependência administrativa em 2008 – RIDE/DF ( Fonte: MEC/Inep Censo Escolar)

Quanto à localização das escolas eram aquelas localizadas em área urbana que possuíam grande parte dos estudantes, atendendo mais de 67 mil alunos o que correspondia a cerca de 94% da coorte analisada (Tabela 1).

Tabela 1. Número de estudantes da 5ª série/6º ano do ensino fundamental regular por dependência administrativa e localização/zona da escola em 2008 – RIDE /DF

Dependência administrativa	Localização/Zona		Total
	Urbana	Rural	
Estadual	59.255	2.872	62.127
%	95,4	4,6	100,0
Municipal	8.277	1.463	9.740
%	85,0	15,0	100,0
Total	67.532	4.335	71.867
%	94,0	6,0	100,0

Fonte: MEC/Inep Censo Escolar

Em relação à distribuição dos estudantes nas escolas dos municípios da RIDE, considerando a unidade federativa, eram no Distrito Federal que se concentrava maior parte dos estudantes, atendendo a 64% dessa população, cabendo aos 19 municípios goianos 31,7% dos alunos e aos três municípios mineiros apenas 3,5% da coorte. (Tabela 2). Esses dados estão de acordo com a distribuição da população nesse território, pois, conforme o Censo Demográfico de 2010, dos 3,7 milhões de habitantes na RIDE/DF naquele ano, 69% residiam no Distrito Federal e 31% nos municípios do entorno.

Tabela 2. Número de estudantes da 5ª série/6º ano do ensino fundamental regular segundo a UF da escola em 2008 – RIDE/DF

UF	n	%
MG	2.495	3,5
GO	22.803	31,7
DF	46.569	64,8
Total	71.867	100,0

Fonte: MEC/Inep Censo Escolar

Quanto à distribuição de meninos e meninas no 6º ano do ensino fundamental em 2008, evidencia-se na Tabela 3 que a maioria dos estudantes era homens, representando 54%, enquanto as mulheres correspondiam a 45,7% da população analisada.

Tabela 3. Número de estudantes da 5ª série/6º ano do ensino fundamental regular segundo o sexo em 2008 – RIDE/DF

Sexo	n	%
Mulheres	32.814	45,7
Homens	39.053	54,3
Total	71.867	100

Fonte: MEC/Inep Censo Escolar

A idade média dos estudantes em 2008 era de 12,8 anos. Para a etapa de ensino 6º ano/5ª série a idade ideal seria de 11 anos, assim, estudantes com idade de 13 anos ou mais já são considerados na distorção idade-série<sup>4</sup>. Considerando a distorção idade-

<sup>4</sup> De acordo com a definição do Inep, a Taxa de Distorção Idade-Série expressa o percentual de alunos, em cada série, com idade superior à idade recomendada. Em um sistema educacional seriado, existe uma adequação teórica entre a série e a idade do aluno. No caso brasileiro, considera-se a idade de 6 anos como a idade adequada para ingresso no ensino fundamental, cuja duração, normalmente, é de 9 anos. Seguindo este raciocínio é possível identificar a idade adequada para cada série. Este indicador permite avaliar o percentual de alunos, em cada série, com idade superior à idade recomendada. Como o Censo Escolar obtém a informação sobre idade por meio do ano de nascimento, adotamos o seguinte critério para identificar os alunos com distorção idade-série: considerando o Censo Escolar do ano t e a série k do ensino fundamental, cuja a idade adequada é de i anos, então o indicador

série havia em 2008 mais de 29 mil alunos com idade igual ou superior a 13 anos (Tabela 4) o que correspondia a 40,6% do total de estudantes.

Em relação ao sexo, eram os meninos que integravam a maior parte dos alunos em idade superior a recomendada para a série, representando mais de 63%, enquanto as meninas com 13 anos mais correspondiam a 36% do total de estudantes nessa situação. A maior presença dos meninos no grupo de alunos com idade acima recomendada para a série inicial da coorte indica que são eles os quem mais reprovaram nas séries iniciais do ensino fundamental ou mesmo que entraram tardiamente na escola, sendo o primeiro ponto nessa análise que remete às palavras de Carvalho (2001, p. 555) de que “do ponto de vista das relações de gênero [...] parece que múltiplas dimensões da vida escolar e da infância articulam-se na produção desse quadro de maiores índices de fracasso escolar entre pessoas do sexo masculino”.

Tabela 4. Número de estudantes da 5ª série/6º ano do ensino fundamental regular segundo o sexo e a faixa etária em 2008 – RIDE/DF

Área	Faixa Etária	Total	Mulheres		Homens	
			n	%	n	%
RIDE/DF	Até 12 anos	42.702	22.136	51,8	20.566	48,2
	13 anos ou mais	29.165	10.678	36,6	18.487	63,4
	Total	71.867	32.814	45,7	39.053	54,3
DF	Até 12 anos	27.210	14.004	51,5	13.206	48,5
	13 anos ou mais	19.359	7.077	36,6	12.282	63,4
	Total	46.569	21.081	45,3	25.488	54,7
RIDE - exceto DF	Até 12 anos	15.492	8.132	52,5	7.360	47,5
	13 anos ou mais	9.806	3.601	36,7	6.205	63,3
	Total	25.298	11.733	46,4	13.565	54,3

Fonte: MEC/Inep Censo Escolar

Analisando separadamente a idade dos meninos e meninas considerando o DF e os municípios do entorno, nota-se que nas escolas de ambas as áreas, os meninos

---

será expresso pelo quociente entre o número de alunos que, no ano  $t$ , completam  $i + 2$  anos ou mais (nascimento antes de  $t - [i + 1]$ ), e a matrícula total na série  $k$ . A justificativa deste critério é que os alunos que nasceram em  $t - [i + 1]$  completam  $i + 1$  anos no ano  $t$  e, portanto, em algum momento deste ano (de 1º de janeiro a 31 de dezembro) ainda permaneciam com  $i$  anos e, por isso, o critério aqui adotado, considera estes alunos como tendo idade adequada para esta série. Os que nasceram depois de  $t - [i + 1]$  completam, no ano  $t$ ,  $i$  anos ou menos.

representam mais de 54% e as meninas cerca de 46% dos estudantes que estão em idade superior à recomendada no 6º ano/5ª série do ensino regular fundamental.

#### Do percurso no ensino fundamental

Em um primeiro olhar sobre a trajetória das meninas e meninos no ensino fundamental, considera o salto de 2008 a 2012, ou seja, o período que compreendeu a finalização de quatro anos letivos, tempo teórico necessário para que, em um fluxo regular (sem repetências, falecimentos ou evasão escolar), os alunos cursem os anos finais do ensino fundamental e alcancem o ensino médio.

Dessa forma, da coorte inicial de 71 mil estudantes, 55 mil foram declarados no Censo Escolar 2012, apontando que quase 16 mil alunos não se encontravam mais nas escolas de Educação Básica. Os dados apresentados na Tabela 5 indicam que a probabilidade de estudantes que iniciam a 5ª série/6º ano do ensino fundamental regular permaneçam no sistema de ensino durante quatro anos letivos é de 77%, ou seja, a cada dez estudantes que estavam naquela etapa de ensino em 2008, 2,3 não encontravam-se no sistema de ensino formal de educação básica em 2012.

Tabela 5. Comparativo do número de estudantes da 5ª série/6º ano do ensino fundamental em 2008 que continuavam na educação básica em 2012 – RIDE/DF

Área	Ano	n	Mulheres	Homens	
RIDE/DF	2008	71.867	32.814	39.053	
	2012	55.173	26.665	28.508	
	Diferença 2012/2008		16.694	6.149	10.545
	Probabilidade de permanência no sistema educacional		77%	81%	73%
	Saída do sistema educacional a cada 10 estudantes		2,3	1,9	2,7
DF	2008	46.569	21.081	25.488	
	2012	36.504	17.427	19.077	
	Diferença 2008/2012		10.065	3.654	6.411
	Probabilidade de permanência no sistema educacional		78%	83%	75%
	Saída do sistema educacional a cada 10 estudantes		2,1	1,7	2,5
RIDE - exceto DF	2008	25.298	11.733	13.565	
	2012	18.669	9.238	9.431	
	Diferença 2008/2012		6.629	2.495	4.134
	Probabilidade de permanência no sistema educacional		74%	79%	70%
	Saída do sistema educacional a cada 10 estudantes		2,6	2,1	3

Fonte: MEC/Inep Censo Escolar

Esses dados mostram que o sistema educacional fracassa junto aos jovens, concentrando na maior parte desse grupo pessoas do sexo masculino (CARVALHO, 2003). Diferenciando entre o sexo, verifica-se que os meninos são os que mais saíram do sistema de ensino em 4 anos tanto em valores absolutos (10.545) quanto em valores relativos, onde a cada 10 meninos em 2008, 2,7 não foram localizados como alunos. Já as meninas apresentaram uma probabilidade maior de permanecerem no sistema educacional (81%), onde há ausência, em 2012, de 1,9 meninas a cada 10 matriculadas em 2008.

A análise por área da RIDE/DF mostra que a probabilidade de permanência dos estudantes no sistema educacional é maior entre aqueles que estavam em escolas do DF (78%) em comparação aos municípios do entorno (74%). Observa-se que essa diferença também reflete na saída dos estudantes no período de 2008 a 2012: enquanto no DF 1,7 menina a cada grupo de 10 meninas e 2,5 meninos a cada grupo de 10 meninos saiu do sistema de ensino formal, nas escolas do entorno esses dados são de 2,1 e 3, respectivamente.

Em números absolutos, dentre os 55 mil estudantes em 2012, os homens continuavam a ser maioria em 2012, apesar da diferença entre meninos e meninas ter diminuído consideravelmente. O Gráfico 2, ilustra essa queda na diferença dos alunos segundo o sexo, é perceptível como as linhas que indicam o número de meninos e meninas se aproximam entre os anos de 2008 a 2012, onde mostra que a distribuição dos estudantes por sexo tende-se a equilibrar no percurso dos anos letivos, devido a maior saída dos meninos conforme visto em dados anteriores.

Esses dados mostram que além de considerar a saída dos meninos da escola em maior número que as meninas deve-se considerar o exposto por Rosemberg (2001, p. 522) de que “a proporção de ligeiramente superior de estudantes entre homens [...] parece decorrer de seus passos serem um pouco mais lentos que os das mulheres, pois ficam mais tempo no sistema escolar para percorrerem trajeto equivalente”.

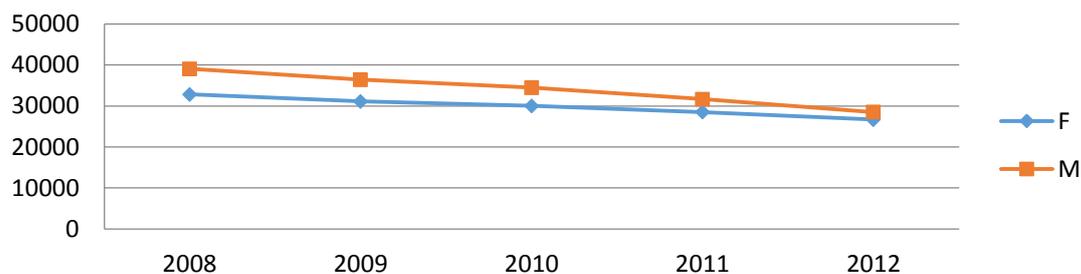


Gráfico 2. Número de estudantes da 5ª série/6º ano de ensino fundamental regular por dependência administrativa – RIDE/DF (Fonte: MEC/Inep Censo Escolar)

Analisando os dados considerando a etapa de ensino em que os estudantes encontravam-se em 2012, verifica-se que 34.729 haviam alcançado o ensino médio regular ou mesmo na educação de jovens e adultos. Isso representa que menos da metade da coorte, 48%, mantiveram um fluxo regular na trajetória dos anos finais do ensino fundamental a fim de alcançar o ensino médio no período de quatro anos.

O Gráfico 3, apresenta a queda no número de número de estudantes e estratifica a etapa de ensino que se encontravam nos anos de 2009 a 2012. É possível observar que enquanto o número de alunos no ensino fundamental regular foi discretamente diminuindo nos anos de 2009 a 2011, acentuando a sua queda em 2012, houve crescimento do número de estudantes na educação de jovens e adultos de ensino fundamental, assim como o aumento no ensino médio.

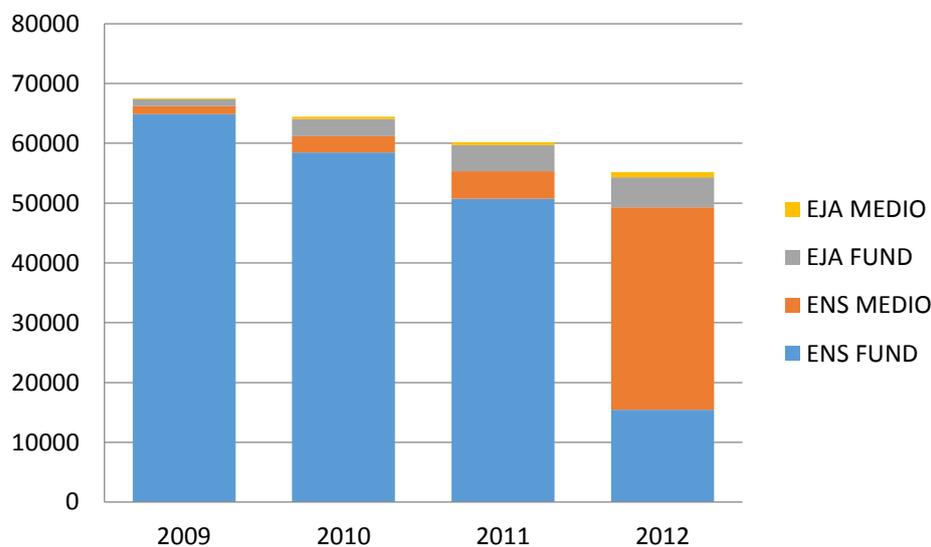


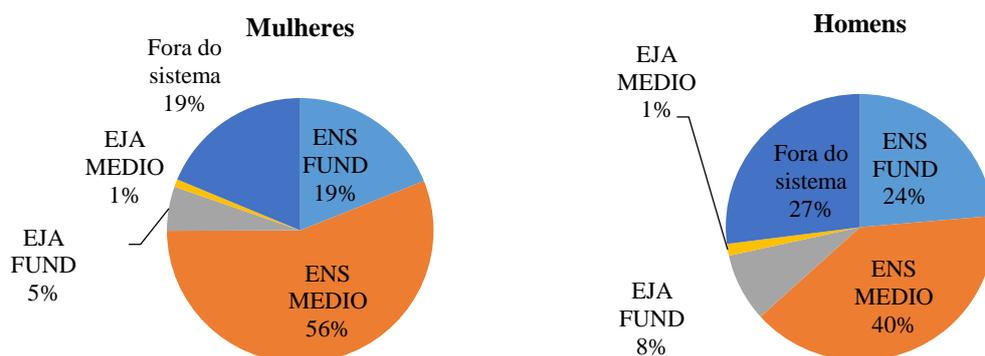
Gráfico 3. Estudantes segundo a etapa de ensino de 2009 a 2012 – RIDE/DF (Fonte: MEC/Inep Censo Escolar)

O aumento de alunos no ensino médio antes mesmo de completar os quatro anos, pode indicar que a opção para muitos alunos foi avançar os estudos de forma mais rápida na EJA fundamental e assim ingressar antes no Ensino Médio.

Para melhor ilustrar o que aconteceu com os estudantes da coorte de 2008, O Gráfico 4 apresenta o percentual de alunos por situação encontrada em 2012. É possível verificar que o 41% dos meninos e 57% das meninas estavam cursando o ensino médio regular ou na EJA. Em contrapartida, 32% dos meninos e 24% das meninas ainda estavam retidos no ensino fundamental, considerando o ensino regular e a Educação de Jovens e Adultos.

Como cenário mais negativo, 27% dos alunos e 19% dos alunos já não estavam mais na escola em 2012, demonstrando mais uma vez que o sistema parece ser menos atrativo para os estudantes do sexo masculino.

Outro fator que torna interessante destacar é que o percentual de alunos no ensino fundamental da EJA também é superior ao percentual de alunas na mesma etapa de ensino. O que se pode dizer que, além do sistema ser menos atrativo para os meninos, são eles que mais buscam a EJA como alternativa a continuidade dos estudos, cabe analisar se isso ocorre devido ao fato de que eram os meninos que mais estavam em desafagem de idade-série em 2008 ou se a situação econômica ou social, como a ocupação de trabalho, os conduzem a optar pela EJA.



Nesse contexto, ganham forças teorias que a inserção de meninos no mercado de trabalho antes das meninas poderia influenciar a trajetória escolar deixando-a mais longa e tumultuada (CARVALHO, 2003) e também surgir a necessidade de migração para modalidades de ensino com organização mais adaptável a uma jornada de trabalho.

Gráfico 4. Percentual de estudantes de acordo com a situação escolar de 2012 segundo a etapa de ensino de 2009 a 2012 – RIDE/DF (Fonte: MEC/Inep Censo Escolar).

Para complementar a análise da trajetória dos estudantes e identificar se há um momento ou série específica onde a vida escolar dos meninos e meninas se diferenciam mais, foram analisados os dados de fluxo escolar<sup>5</sup> que apresentam a transição do estudante entre dois anos consecutivos considerando os cenários de promoção, repetência e evasão escolar e, nesse estudo, ainda foram observados eventos como a migração dos estudantes para a Educação de Jovens e Adultos e o retorno daqueles que evadiram no período analisado.

Informações de falecimentos que representaram cerca de 0,07% dos eventos ocorridos entre 2008 e 2012 foram desconsiderados da análise por não serem representativos. Outro evento que não vai ser aqui tratado é que após a migração para a EJA, não há aferimento de promoção ou repetência dos alunos, tendo em vista a organização diferenciada dessa modalidade de ensino.

O Gráfico 5 apresenta a proporção de estudantes por evento no fluxo escolar e é possível identificar a desvantagem que há de acordo com o sexo dos estudantes, enquanto a proporção de meninas que são promovidas, ou seja, que em determinado ano

<sup>5</sup> Os indicadores de fluxo escolar se aproximam dos indicadores de rendimento, porém consideram a informação de dois anos letivos enquanto os indicadores de rendimento (aprovação, reprovação, abandono escolar) consideram o resultado alcançado pelo estudante ao final de um ano letivo específico.

letivo encontram-se em etapa de ensino subsequente a qual esteve matriculado no ano anterior, chega a mais de 80% no fluxo de 2008-2009, a proporção de meninos nessa mesma situação não alcança os 70%.

No último fluxo do período observado, nota-se que há menos promoção no ensino regular para meninos e meninas, porém a diferença ainda permanece, onde cerca de 75% das meninas foram promovidas e um pouco mais de 60% dos garotos tiveram a mesma situação registrada.

Ainda pelos dados do Gráfico 5, nota-se que a repetência dos meninos é superior à das meninas e ocorre de forma mais acentuada no primeiro fluxo, ou seja, em 2009 cerca de 20% dos meninos encontravam na mesma etapa de ensino que cursaram em 2008. Nos fluxos seguintes, assim como a promoção, também há um decréscimo da repetência dos meninos, mas, em contrapartida, há aumento da evasão escolar e a migração para a Educação de Jovens e Adultos.

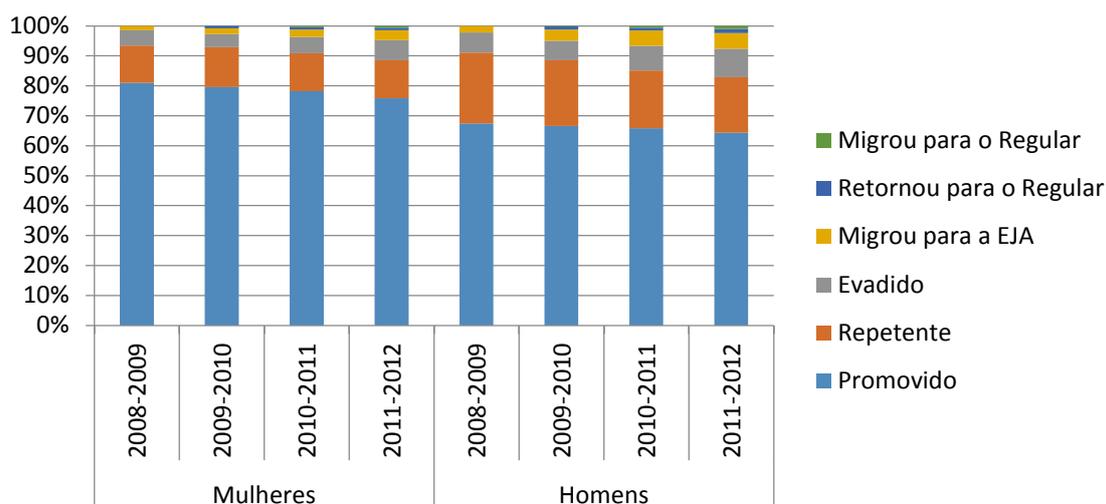


Gráfico 5. Fluxo Escolar de 2008 a 2012 dos estudantes matriculados na 5ª série/6º ano do ensino fundamental em 2008 – RIDE/DF (Fonte: MEC/Inep Censo Escolar)

Os dados mostram um comportamento diferenciado entre meninos e meninas, há uma tendência de maior fuga dos meninos do ensino regular enquanto as meninas tendem a insistir mais tempo nessa modalidade de ensino, mesmo com a diminuição da promoção e estabilização da repetência em torno dos 10% entre os fluxos analisados.

Nesse contexto, a proporção de alunos que evadem, ou seja, que frequentam a escola em um determinado ano e não frequentam no ano posterior e daqueles que dão continuidade dos estudos na EJA é sempre superior à proporção de alunas nessas mesmas situações.

Essas desigualdades entre homens e mulheres nos processos educacionais são explicadas por algumas teorias. Para autores como Enguita, Baudelot e Establet as meninas estariam mais adaptadas às escolas e sentiriam maior prazer em estar em sala de aula, pois as relações que ali ocorrem seriam menos sexistas do que na família e no mercado de trabalho. Já para Bouchard, o ponto da questão seria que o sistema escolar dá vantagens às meninas e os meninos não encontrariam na escola uma identificação masculina (ROSEMBERG, 2001, p. 526).

Outro fator que se mostra preocupante no fluxo dos estudantes, é que, nas devidas proporções, a evasão escolar é em grande parte um movimento que quase que irreversível no fluxo, tanto para as meninas e meninos. A proporção de estudantes que retornam para a escola no ensino regular é demasiadamente pequena comparada ao número de estudantes que evadiram nos anos anteriores.

Da coorte observada, entre os anos de 2008 a 2011 foram registrados 12.308 casos de evasão dos estudantes e nos anos de 2009 a 2012, apenas 1.773 retornaram à escola, ou seja, o ensino regular trouxe de volta apenas 14,4% dos alunos evadidos (Tabela 6). E também nesse contexto, são os meninos que menos retornam à escola após evadirem.

Tabela 6. Número de estudantes que evadiram da escola nos fluxos escolares de 2008 a 2011 e número de estudantes que retornaram à escola nos anos de 2009 a 2012.

	n	Mulheres	Homens
Evasão de 2008 a 2011	12.308	4.644	7.664
Retorno de 2009 a 2012	1.773	710	1.063
% de retorno sobre a evasão	14,4	15,3	13,9

Fonte: MEC/Inep Censo Escolar

Analisando a coorte separadamente entre os estudantes do Distrito Federal e dos municípios do entorno, não se nota diferenças significantes entre as áreas da RIDE. O movimento dos meninos e meninas nos anos de 2008 a 2012 tanto nas escolas do DF como nas escolas dos municípios goianos e mineiros refletem o que acontece na RIDE de forma geral.

Percebe-se, no entanto, algumas diferenças nos eventos de fluxo escolar. Os estudantes, meninos e meninas, matriculados em 2008 nas escolas do DF repetiram ou migraram para a EJA mais do que aqueles que estavam nas escolas do entorno, e estes, por sua vez, evadiram mais.

Como exemplo, observando a quarta coluna do Gráfico 7 e do Gráfico 8, que se refere a transição das meninas entre os anos de 2011 e 2012, nota-se que a promoção (cor azul clara) das estudantes do entorno é superior a das meninas das escolas do DF, ficando próximo aos 80% e 75%, respectivamente. Porém, é nítido que as meninas das escolas do DF permaneceram mais na escola, com maiores proporções de repetência (cor laranja) e migração para a EJA (cor amarela), enquanto as meninas do entorno resistiram menos ao sistema educacional, com uma evasão de quase 10%.

No cenário dos estudantes do sexo masculino, no mesmo fluxo 2011-2012 (última coluna dos gráficos 7 e 8), percebe-se que, apesar de representarem maior proporção de promoção, os estudantes do DF repetiram e evadiram mais que os meninos das escolas do entorno. Nesse contexto, os meninos do Distrito Federal, assim como observado nas meninas, tiveram maior permanência no sistema educacional, e muitos escolheram a EJA como alternativa para continuidade dos estudos.

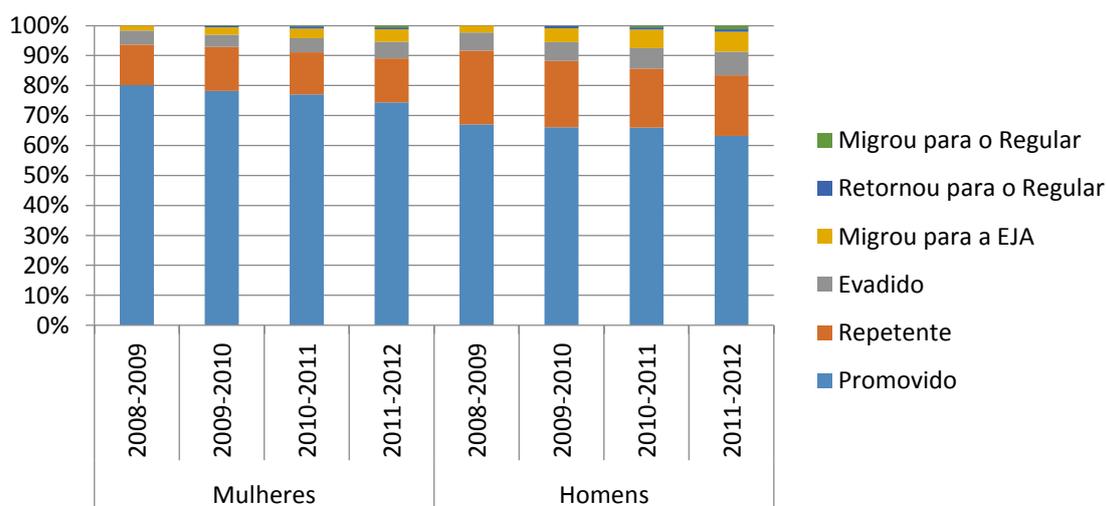


Gráfico 7. Fluxo Escolar de 2008 a 2012 dos estudantes matriculados na 5ª série/6º ano do ensino fundamental em 2008 – Distrito Federal (Fonte: MEC/Inep Censo Escolar)

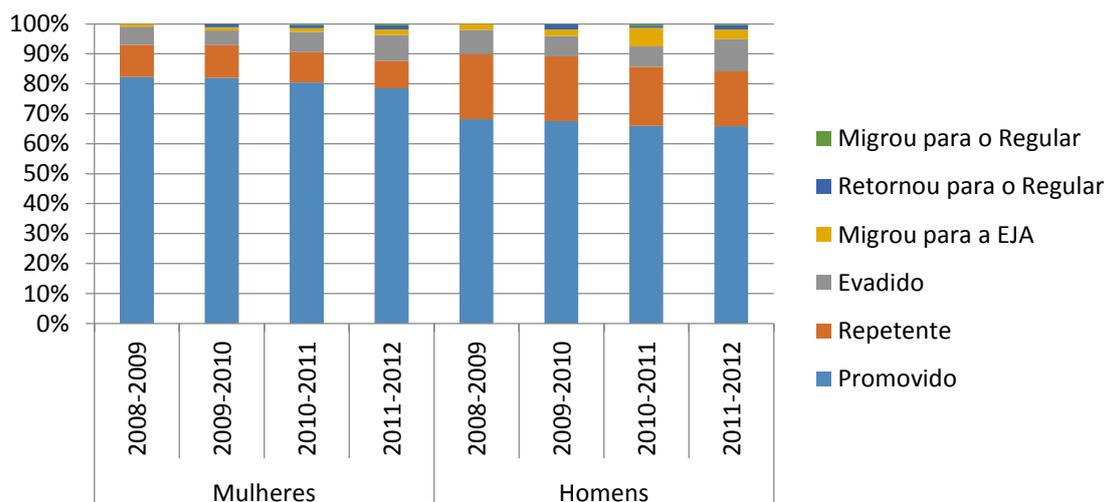


Gráfico 8. Fluxo Escolar de 2008 a 2012 dos estudantes matriculados na 5ª série/6º ano do ensino fundamental em 2008 – RIDE exceto DF (Fonte: MEC/Inep Censo Escolar)

## Conclusão

A análise da trajetória escolar dos estudantes que estavam na 5ª série/6º ano do ensino fundamental em escolas estaduais e municipais da RIDE/DF em 2008, mostrou que cerca de 30% do alunado não se encontrava mais no ensino formal no ano de 2012, sendo que menos da metade da coorte inicial dos estudantes tiveram uma trajetória regular e alcançaram o ensino médio após o percurso de quatro anos letivos.

O ensino fundamental público na área da RIDE/DF mostra-se ineficaz no que diz respeito ao cumprimento de um fluxo regular dos estudantes dos anos finais do ensino fundamental, sendo que os homens são os que mais saem do sistema educacional ou se permanecem, apresentam uma trajetória mais tumultuada e maior migração para a educação de jovens e adultos.

Quando as informações são comparadas entre as escolas do DF e os demais municípios da RIDE/DF, o comportamento do fluxo dos meninos e meninas tendem a se refletir em ambas as áreas, porém nos municípios do entorno a evasão escolar são maiores tanto para as mulheres e homens, o que pode indicar a necessidade de análises mais estratificadas que associem o gênero e as questões socioeconômicas, tendo em vista que a renda média domiciliar do entorno tende a ser inferior as regiões administrativas do DF.

Mesmo considerando a importância de que fatores sociais influenciam na trajetória escolar de homens e mulheres, essa análise vai de encontro às palavras de Rosemberg (2005, p.17) “as estatísticas educacionais brasileiras apontam [...] melhores indicadores para as mulheres que para os homens, independentemente de sua cor/raça, local ou região de residência e nível de renda familiar”, tendo consequência em uma trajetória escolar feminina menos acidentada que a dos homens.

Pelos dados apresentados neste trabalho não é possível atribuir a uma série ou ano letivo o momento decisivo para a evasão ou mudança de modalidade de ensino, na verdade, o que é perceptível é que se trata de um processo complexo e gradual em que as mulheres tendem a persistir mais na continuidade do ensino regular antes de evadirem, mesmo que isso incida em repetências, enquanto os homens refugiam-se mais rapidamente à educação de jovens e adultos.

No entanto, tais informações apesar de apresentarem um desenho das trajetórias escolares dos homens e mulheres e mostrar como se dão esses percursos, levantam um leque de questões a serem associadas ao processo educacional pela perspectiva de gênero, pois, como afirma Carvalho (2003, p. 187) ainda “sabemos muito pouco sobre como se constroem esses processos, como explicar essas situações”, ou seja, há de fato desigualdades educacionais entre homens e mulheres, mas a análise da categoria gênero isolada de outros fatores como cor/raça, nível socioeconômico, vulnerabilidade, aspectos pedagógicos, dentre outros, não nos apresenta causas e sim indicações de aprofundamentos teóricos e mais contextualizados.

## Referencias Bibliográficas

CARVALHO, M. Mau aluno, boa aluna? Como as professoras avaliam meninos e meninas. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9. n.2, p.554-574, dez. 2001b. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8640>>. Acesso em: 11 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. Sucesso e Fracasso Escolar: uma questão de gênero. **Educação e Pesquisa**, Brasil, v. 29, n. 1, p. 185-193, june 2003. ISSN 1678-4634. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27906>>. Acesso em: 04 mar. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022003000100013>.

\_\_\_\_\_. O Conceito de gênero: uma leitura com base nos trabalhos do GT Sociologia da Educação da Anped (1999-2009). **Revista Brasileira de Educação**, v.19, n.46, p. 99-110, jan/abr. 2011.

ROSEMBERG, F. Desigualdades de raça e gênero no sistema educacional. **Seminário Internacional “Ações afirmativas nas políticas educacionais brasileiras: o contexto pós-Durban”**. Brasília, 20 a 22 setembro, 2005. Disponível em <<http://www.diversidadeducainfantil.org.br/PDF/DESIGUALDADES%20DE%20RA%C3%87A%20E%20G%C3%8ANERO%20NO%20SISTEMA%20EDUCACIONAL%20BRASILEIRO%20-%20F%C3%BAlvia%20Rosemberg.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2016.

\_\_\_\_\_. Educação formal, mulher e gênero no Brasil Contemporâneo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9 n.2, 539, 2/2001. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v9n2/8638.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2016.